

FACULDADE ADVENTISTA DE TEOLOGIA

MATÉRIA: HISTÓRIA DO ADVENTISMO – 2008

DESENVOLVIDO POR:

JEFERSON

DIEGO

ROGÉRIO

JANDILSON

WILLIAM

EDER.

INTRODUÇÃO

A sessão da Associação Geral realizada em Minneapolis em 1888, transformou-se no maior ponto decisivo na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nossa mudança de rumo efetuou-se vagarosamente durante três anos que se seguiram à conferência. Durante esse tempo, os persistentes esforços de Ellen White, A. T. Jones e E. J. Waggoner ajudaram a levar a Igreja do espírito de debate e do legalismo de ambos precedentes, para um realce sobre a justificação pela fé na Justiça de Jesus Cristo.

Essa mudança de direção, porém, não foi resultado da conferência de Minnesota. Em muitos sentidos, o encontro de Minneapolis foi um desastre. A igreja foi ao fundo, espiritualmente. Ellen White, com confiança disse que de algum modo o Senhor venceria e muitos benefícios adiviriam do encontro. Em 4 de novembro no último dia da conferência, ela escreveu a sua nora:

Já falei aproximadamente umas vinte vezes com muita franqueza, e creio que estas reuniões resultarão em grande bem. Não conhecemos o futuro, mas sentimos que Jesus está ao leme e não naufragaremos.

Havia outros que viam tanto o lado positivo como o negativo da sessão. Três semanas após o término desta, W. C. White escreveu ao recém eleito presidente da Associação Geral, que ainda estava na Europa:

Os delegados que ficaram até o fim da reunião levaram impressões bastante diversas. Muitos acharam que foi um das reuniões mais proveitosas a que já haviam assistido; outros, que ela foi a conferência mais infeliz já realizada.

Não devemos somente focar em uma narrativa de males e virtudes da reunião de Minneapolis. Precisamos aprender lições importantes da experiência de nossos antepassados. Precisamos realçar estas lições, meditar sobre elas, e agir de conformidade com elas, do contrário estaremos em perigo de repetir os erros que eles cometeram a 120 anos atrás.

CAPÍTULO I HUMILDADE E AMOR

Duas grandes e importantes lições que podemos aprender da inesquecível Conferência Geral de Minneapolis em 1888, foi a da falta de humildade e amor, isso ficou demonstrado principalmente por aqueles que deveriam ser exemplos de conduta Cristã, os principais líderes da igreja na época. Para os nossos dias é importante salientar que a igreja fica mais saudável e mais segura quando os diferentes grupos que a compõem aprendem a cooperar e a ouvir um ao outro. Nenhuma corrente possui toda a verdade, e nenhuma facção está inteiramente em erro. Somos mais robustos quando aprendemos a trabalhar uns com os outros, no sentido de enfatizar os discernimentos e pontos fortes de cada perspectiva. Um estado de coisas como esse, obviamente, só acontecerá quando assimilarmos as lições de Minneapolis. Duas dessas lições fundamentais são: tratar um ao outro no espírito do amor cristão, e colocar a Cristo e sua palavra no centro de nosso diálogo e esforços.

Foi a falta de piedade prática, que trouxe desastre para o adventismo nas reuniões de Minneapolis. Os adventistas sabiam como contender um com o outro (e com outro) a respeito de questões doutrinárias e pessoais, mas não sabiam como aprender humildemente um do outro, ou como trabalhar com respeito e amor cristão com aqueles dos quais diferiam.

Ellen White, nos anos que se seguiram a Minneapolis, sentia uma infundável preocupação com a necessidade de amor, paciência e unidade verificada em parte dos líderes e membros da Igreja Adventista. Satanás, alegou ela, “sente um júbilo infernal” “quando consegue dividir os irmãos”. Isso, salientou em fins de 1888, e tem sido a tática empregada por ele nas recentes assembléias da Associação Geral. Naquela ocasião, ela havia aconselhado a Butler para que aprendesse a aceitar alguma variação na crença e nos métodos de trabalho dos outros. Aconselhou-o também a aprender a apreciar os que dele diferiam com respeito ao que ele imaginava ser as colunas centrais da fé.

A Sra. White suscitou essa questão em Minneapolis, em 21 de outubro. Os líderes e ministros mais antigos, demonstrou ela, deviam humilhar-se e ouvir aqueles a quem Deus havia escolhido para resgatar a verdade cristã fundamental, de sua mistura com o erro. Eles podiam lançar mão do renovado discernimento espiritual dos jovens pregadores. Deviam também aprender a partilhar algumas de suas responsabilidades com a nova geração. Em contrapartida, os ministros e líderes jovens devem tratar “os obreiros idosos com ternura, como pais”, e recorrer a eles “como conselheiros e guias. Os obreiros jovens devem respeitar a idade e a experiência de seus irmãos mais velhos”. Uma das grandes lições de Minneapolis, portanto, foi a de que os dois lados precisavam um do outro. Trabalhando juntos, eles podiam desfrutar tanto do novo discernimento da juventude como dos sábios conselhos dos idosos, associados com a profundidade de compreensão que se adquire quando se formulam posições denominacionais sob variadas perspectivas. Essa possibilidade, é claro, foi fraturada pelo espírito de Minneapolis.

Quem não aprender a partir das lições da história está condenado a repetir os mesmos erros. Os problemas ocorridos no começo da década de 1890, Por exemplo, foram causados pelo fato de as duas facções não estarem dispostas a cooperar entre si. Um dos mais graves erros aconteceu em 1893 e 1894, quando A. T. Jones e W. W. Prescott apresentaram Anna Rice como uma segunda profetisa adventista. Stephen N. Haskell salientou que os dois pregadores não haviam estado desde o início do desenvolvimento do adventismo, e não haviam experimentado o fanatismo relacionado

aos dons espirituais. "Tivessem eles se consultado com Uriah Smith e alguns dos que haviam passado por esse experiência, e são tidos na conta de 'ultrapassados', e teriam sido poupados desse erro".

Ellen White partilhava da opinião de Haskell no que diz respeito à necessidade de cooperação entre os grupos que se formaram em Minneapolis, mas colocava a culpa da situação, diretamente sobre Smith e a velha-guarda. Eles, declarou ela, tiveram grande parcela de responsabilidade pela crise, porque se negaram a unir-se no trabalho com os líderes mais jovens.

Os mais velhos travaram as rodas da "carruagem da verdade", quando deviam ajudar a movimentá-la. "A obra do Senhor precisa de cada jota e til da experiência que ele comunicou aos pastores Butler e Smith". Deus, em sua providência, alegou ela, permitiu a situação para mostrar aos líderes mais velhos seu erro em não unir-se aos dinâmicos Jones e Prescott. "A verdade é sempre dinâmica".

Os mais velhos e conservadores precisam não somente dos jovens e entusiastas líderes, mas o oposto também é verdade. Ellen White escreveu a Jones advertindo-o quanto a não depreciar nenhum dos obreiros de Deus. Pelo contrário, eles deviam respeitar "os discípulos idosos, que são os guerreiros da fé", os quais haviam passado por dificuldades para estabelecer a denominação nos seus primórdios. Jones carecia do discernimento e da experiência deles.

LIÇÕES BÍBLICAS ESQUECIDAS

Uma lição bíblica, que ajudaria Butler e Smith é a de João Batista, na frase que está relatada em Jo 3:30 "Convém que ele cresça e eu diminua". Por ocasião do início do ministério de Jesus, João Batista teve todas as suas atenções voltadas para o messias, sua fama e o respeito que possuía diante do povo era tão grande, que Ellen White chegou afirmar afirma que "houvesse ele (João Batista) se anunciado como Messias, e fomentado um levante contra Roma, sacerdotes e povo se teriam reunido em seu estandarte". Agora João via dia a dia a onda de popularidade se desviar para Jesus, no entanto, João não teve ciúmes de Cristo, pelo contrario, muito se alegrou quando soube que Jesus estava tendo êxito em seu ministério, porque na verdade a causa não era sua, mas de Deus, e sua preocupação era em cooperar para o avanço do evangelho, desta forma crucificando o "eu", e permitindo que a cruz de Cristo seja exaltada.

Finalmente a lição esquecida por Jones e Waggoner, foi a lição relatada por Paulo em I cor 10:12 "Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia". Jones e Waggoner certamente foram usados por Deus para transmitir à igreja, uma mensagem fundamental, que acabaria por mudar para sempre o rumo de nossa história, todavia, eles tiveram a triste atitude de se esquecer, que eles eram apenas os mensageiros e não o "SENHOR da mensagem". Tivessem eles também lembrado, do que diz Provérbios 13:10 "Da soberba só resulta a contenda, mas com os que se aconselham se acha a sabedoria", poderiam talvez, terem evitado o lastimável final que tiveram, a apostasia.

CAPÍTULO II

EXAMINAR AS ESCRITURAS

Uma das grandes verdades que sobressaem da Conferência de Minneapolis para o adventismo é a grande importância do estudo da Bíblia na vida pessoal do cristão, bem como, ela precisa ser e estar no centro das doutrinas da igreja, sendo a base destas. A Palavra de Deus deve ser nosso guia em todas as circunstâncias que nos envolvem e devemos sempre tê-la sobre as nossas mãos pra sermos instruídos por ela através de estudo minucioso daquilo que Deus deseja revelar-nos.

Desde os primórdios do movimento adventista, a Bíblia sempre esteve sobre constante estudo de pessoas comprometidas com Deus e com a missão que Ele nos designou em levar Sua mensagem ao mundo, contudo com o avanço dos anos alguns líderes mesmo conhecedores da verdade, por algum motivo fundamentavam suas bases teológicas, se deixando ser influenciados por outras fontes além da Bíblia. Essas fontes foram levadas para a Conferência de 1888 em Minneapolis. Tais fontes envolveram a tradição denominacional, a legislação em forma de credo, a opinião de peritos e pontos de vista autoritários como explicação das verdades espirituais que defendiam. Assim os adventistas que apoiaram Smith e Butler, utilizaram-se de autoridades ou fontes humanas para defenderem suas opiniões sobre o debate teológico discutido em Minneapolis.

Ainda que possuíssem o texto bíblico em mãos colocavam o seu entendimento e suas experiências de anos passados acima do texto, sujeitavam-se a opinião de “peritos” não contestando a veracidade da afirmação deles, muitas vezes por falta de entendimento das Escrituras, outras vezes, pela forma que estes explanavam seus conhecimentos como se a verdade fosse somente aquela. Smith chegou ao ponto de afirmar que, se a tradição estivesse errada, ele renunciaria ao adventismo. Ellen White percebendo essa grande deficiência nos líderes da igreja escreveu em abril de 1887 a Butler e Smith: “Queremos evidência bíblica para cada ponto em que avançamos. Não queremos vencer, como o pastor Canright tem feito, com argumentações”, continuou fazendo diversas exortações apelando á fidelidade bíblica, em julho de 1888, escreveu: “A Bíblia é a única regra de fé e doutrina” .Cinco meses depois, ela escreveu a Butler: “a Bíblia, e a Bíblia somente, entesourada no coração e abençoada pelo Espírito de Deus, pode tornar o homem justo e conservá-lo justo”. Em 19 de outubro, Ellen White advertiu os delegados: “Não acrediteis em qualquer coisa simplesmente porque outros dizem que é verdade. Tomai vossa Bíblia e examinai-a por vós mesmos”. Em 24 de outubro ela apelou novamente: “Desejo que os homens moços tomem uma posição não porque alguém a tomou, mas porque compreenderam a verdade, por si mesmos. Em três de novembro, último sábado da conferência ela apelou uma vez mais aos irmãos: “Devemos estar preparados para investigar as Escrituras com mentes desarmadas, com reverência e imparcialidade. Convém orarmos sobre questões de divergências em pontos de vista das Escrituras”. No dia seguinte 4 de novembro Ellen White escreveu a sua nora: “Os ministros têm sido a sombra e o eco do pastor Butler por aí, desde que seja saudável e para o bem da Causa. ...o Pastor Butler... acha que sua posição lhe confere tal poder que sua voz é infalível. Tirar isto da cabeça dos irmãos tem sido um assunto difícil”.

Waggoner e Jones defendiam o uso e somente o uso da Bíblia. Em resposta a afirmação de Butler ao se apoiar em um perito para decidir a questão de Gálatas, Waggoner replicou: “Não me importa o que os homens dizem. Quero saber o que Deus diz. Os adventistas do Sétimo dia devem ser protestantes de fato, provando tudo pela Bíblia somente”

Porém, é muito perigoso sermos extremistas quantos ao valor que damos as palavras de Waggoner e Jones. Muitos há que hoje cometem os mesmos erros dos líderes do passado ao acreditar na doutrina da Justificação pela fé, somente pelo que Waggoner e Jones ou até mesmo Ellen White expuseram em Minneapolis e não necessariamente se convenceram desta importante mensagem pela compreensão própria pelo estudo da Bíblia. Essa mensagem deve ser aceita não porque eles as disseram e sim porque Deus através das Escrituras nos revelou. Waggoner e Jones após 1888 cometeram os mesmos erros que outrora Smith e Butler cometeram em pensar que eles eram portadores da verdade e manipularam as escrituras no intuito de favorecer suas decisões. Nossa confiança não deve estar em homens, pessoas de importantes cargos ou não, e sim, unicamente em Deus naquilo que Ele nos revelou.

Essa grande verdade está para nós hoje tão forte como esteve em dias passados. Não podemos esquecê-la. Devemos examinar as Escrituras compreendendo as suas verdades por nós mesmos. Com oração, deve ser o nosso maior deleite escutar a voz de Deus através de seu contínuo estudo. Em nenhum momento da história deste mundo precisou-se tanto de homens comprometidos em anunciar aquilo que foi inspirado por Aquele que não erra. As grandes verdades bíblicas que sobressaíram de Minneapolis só terão sentido se hoje estudarmos diligentemente a Palavra de Deus, do contrário será só mais um evento, só um capítulo da história adventista. Como futuros ministros da Palavra de Deus, devemos ser aplicados em estudar e anunciar o que Ele nos outorgou. Não devemos ser descuidados desse grande compromisso, esse é o nosso dever. O povo de Deus está sendo destruído, por falta de conhecimento, diz Oséias 4:6. Que possamos fazer parte do grupo de pessoas que ouvem e se deixam guiar unicamente pela Palavra de Deus e que não permitem que outros pensem em seu lugar.

CAPÍTULO III

NÃO DESPREZAR AS PROFECIAS

Não devemos desprezar as profecias.

Se tão somente houvesse Uriah Smith dado atenção a este conselho em Mineápolis, ter-se-ia poupado a si mesmo e a muitos outros de sofrimento. O maligno, porém, convenceu a Smith que Ellen White se contradissera. Essa rejeição temporária da voz profética foi prejudicial não só a experiência cristã de Uriah Smith, mas teve também um efeito ondulante e solapador na confiança de outros.

Das diversas lições da Conferência de Minneapolis, em 1888, destacamos também uma relacionada ao dom profético: Não olvidais aos profetas.

Ellen G. White teve um papel de grande importância na conferência de 1888. A mensagem da justificação pela fé foi algo que ela percebeu por meio de filtragem por fora, o que não era bom e reconheceu o que se harmonizava com a revelação de Deus para ela. Talvez por isso que a ela não se colocou como autoridade teológica. No entanto Ellen White entendia o princípio da revelação progressiva, assim, na conferência de Minneapolis ela si colocou como mediadora, e até apaziguadora.

Desde 1887 a profetiza já buscava envidar esforços para manter a unidade e a paz. Da Europa ela escreveu aos "brigões" de ambas as partes. Ao Dr. Waggoner e a Jones, apontou suas falhas. E algumas semanas depois também a Butler depois de ler seu panfleto sobre Gálatas, Ellen White o admoestou: "Acho que você foi muito contundente". Porém o esforço da profetiza não foi levado em conta, vindo assim uma trágica consequência. E uma das consequências, de 1888, foi um espírito de exasperação que permeou os corações da época.

Um espírito acrimonioso revelado por Butler, Smith e outros para com Waggoner e Jones, e toda aquelas animosidades foram dirigidas também contra Ellen White. A essa altura, estava em jogo em questão mais importante do que os dez reinos ou a lei no livro de Gálatas: a aceitação ou rejeição de Ellen White como mensageira do Senhor.

Para Uriah Smith o segundo ponto foi a pedra de tropeço. "O maligno convencera a Smith que a Sr^a White se contradissera". Ela havia dito a Waggoner pai, que seu ponto de vista sobre gálatas estava errado, e agora em 1888, parecia apoiar Waggoner mais novo que possuía em essência, o mesmo ponto de vista de seu pai trinta e dois anos antes. O aberto apoio a mensagem de Waggoner não era vista com bons olhos por Smith.

Na verdade, a coligação Smith-Butler já desconfiava da Sr^a White mesmo antes de a sessão começar, por causa da conhecida amizade que sabiam existir entre seu filho e Waggoner e Jones. Eles estavam certos de que ela fazia parte da "conspiração da Califórnia". Essas desconfianças se lhes confirmaram na mente quando ela apoiou fortemente a Waggoner em suas mensagens sobre justificação pela fé. Foi

responsabilizada pela associação. A respeito dessa mudança de atitude para com ela, escreveu Ellen White: "Era evidente que nossos irmãos estavam desiludidos. Eles haviam perdido a confiança na irmã White, não porque a ela houvesse mudado, mas porque outro espírito se apoderara deles e os controlava.", Todavia, Ellen G. White sabiamente não tomou partido sobre gálatas 3, em 1888. Na verdade ela indicou que sua compreensão de gálatas 3 divergia em alguns pontos, com a mensagem de Waggoner.

Infelizmente outro espírito, e não o Espírito Santo controlava o coração de Smith e de outros. Tanto é, que Smith não deu atenção aos conselhos da profetisa, preferindo se demorar no que ele considerava ser um erro da irmã White. Essa indiferença se manteve por dois anos após Minneapolis.

Outro a ser dirigido pelo espírito acrimonioso e de ciúme foi George Butler. Ao longo da discussão pré-minneapolis, Butler se apoiava em uma suposta revelação, de Deus a Sr^a White, que a mensagem de Jones e Waggoner estava errada. Com tal pensamento, Butler influenciou outros delegados a pensar como ele no tocante a "justificação pela fé". Porém, a referida revelação de Deus a Sr^a White nunca foi de fato provada ou se quer relatada a outros ou até escrita.

A rejeição de Ellen White foi seguida pela rejeição de tudo o que ela defendia, incluindo as apresentações de Waggoner sobre a justificação pela fé.

A Butler, ela escreveu: "De um modo geral, o espírito dos ministros que vieram a esta reunião é de rejeição da luz.". Parece que a maioria dos 96 delegados foi influenciada por esse espírito de cinismo e descrença. Quase todos haviam rejeitado a autoridade da profetisa, e de modo geral também opunham se à nova luz. Lamentavelmente a profetisa foi obrigada a escrever estas palavras: "Em Minneapolis, Deus deu preciosas gemas da verdade a Seu povo em novo engaste. Esta luz do Céu foi rejeitada por alguns com toda a obstinação que os judeus manifestaram ao rejeitar a Cristo."

Lamentavelmente a influência de nossos primeiros líderes com seus corações cheio de ciúmes, foi tão maléfica que grande parte dos ministros não só rejeitaram a autoridade profética da irmã White, como também escarneciam dela, como alguém de moral duvidoso. "Irmãos tem gracejado, criticado, comentado, desmerecido, apanhado e escolhido um pouco e recusado muito, até que os testemunhos não significassem nada mais para eles".

Todavia, não era só os corações da força Butler-Smith que haviam permitido ser controlado por um espírito estranho e de divergência. Do outro lado Waggoner e Jones, também se permitiram encher de lisonjas, recusavam a entregar por completo ao Espírito Santo. "O repetido endosso publico a Jones e Waggoner como mensageiros de Deus, exacerbou sua natural falta de humildade".

Jones em seu exagerado realce na santidade estava, em 1889, ensinando conceitos de trasladação mediante a fé, extremos sobre a igreja Adventista e outros ensinamentos que Ellen White freqüentemente o reprovava. Seis anos depois de Minneapolis Jones tentava introduzir Ana Rice como a segunda profetisa da igreja Adventista. Tornou-se um agressivo crítico à Sr^a White.

Quanto a Waggoner, em 1897, havia aceitado o panteísmo e oito anos mais tarde, na Inglaterra, se divorciou e contraiu matrimônio com Edith Adams uma enfermeira. Nunca foi um crítico agressivo à igreja Adventista, apesar de ter rejeitado as crenças distintivas da igreja.

Minneapolis sem duvida foi um divisor de águas na igreja Adventista do Sétimo Dia. No entanto tais ajustes, aperfeiçoamentos, como em Minneapolis, sempre deixam cicatrizes. Vergonhosamente essa é uma delas. Quando os nossos primeiros líderes

abandonaram os conselhos da irmã White, seguindo seus próprios caminhos e desejos. Um período triste onde movido pelo ciúme, pelo “Eu”, travaram uma ferrenha batalha não só uns contra os outros, mas, contra o Espírito Santo que pleiteava com cada um deles a serem mais humildes, e fraternos.

Paradoxalmente aqueles que “venceram a batalha” se apostataram. Porém, por parte dos que ficou houve uma série de confissões e arrependimentos por suas falhas.

Não devemos deixar de ouvir a voz profética, nem menosprezar os bons conselhos. “Não havendo sábios conselhos, o povo cai, mas na multidão de conselhos há segurança”.

CAPÍTULO IV REALÇAR A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

Devemos realçar a justificação pela fé em nossa pregação.

Deveríamos tornar o assunto claro como cristal para o povo, e estar certos que nós mesmos desfrutamos de um relacionamento salvífico com Jesus Cristo. Ellen White exortou:

A fé na justiça de Jesus Cristo, em benefício da alma de cada indivíduo, deve ser apresentada ao povo, para que a estudem e a considerem cabalmente. É impossível falar demasiadamente sobre o tema, nem com demasiado ardor.

Durante a década de 1880, alguns líderes da igreja, inclusive Ellen G. White, sentiram uma crescente falta na pregação ASD de temas relacionados à justificação pela fé. Continua ênfase sobre as únicas posições doutrinárias ASD tinha entulhado o que era o básico ensino do Evangelho. Esta questão tornou-se o tópico da Conferência Geral realizada em Minnesota, no outono de 1888. Nesse encontro, E. J. Waggoner, editor de *Signs of the Times*, pregou uma série de sermões sobre a lei e o Evangelho. Paralela a estes foi uma série de sermões de Ellen G. White em que ela discutiu exaustivamente a importância de uma clara compreensão da justificação pela fé. Em um de seus sermões, ela comentou da seguinte maneira sobre o tópico de Waggoner — a relação entre a Lei e o Evangelho: Não há poder na Lei para salvar o transgressor. O que ela faz então? Ela traz o pecador penitente a Cristo. ... A Lei aponta o remédio para o pecado — o arrependimento perante Deus e fé em Cristo (*ME, 1888*, p. 2).

Os que estiveram na Conferência Geral de 1888 e que sentiram claramente a necessidade por uma ênfase na justificação pela fé foram Ellen G. White, E. J. Waggoner e seu colega editor, A. T. Jones. Estes foram os que não partilharam sua preocupação. Waggoner e Jones eram homens relativamente jovens e eram considerados como entusiastas por alguns dos irmãos mais velhos. Alguns temiam que esta ênfase sobre a fé poderia enfraquecer a doutrina bíblica da importância da obediência. Mal-entendidos, oposição, e divisão obscurecem o relato daquele encontro. Porém, muitos dos que estavam relutantes em aceitar esta nova ênfase em 1888, mais tarde mudaram seu ponto de vista. Alguns continuaram por um tempo a se opor a ela.

Após encerrar-se o encontro, a Sr^a. White e o irmão Waggoner e Jones viajaram de Massachusetts à Califórnia, pregando a mensagem da justificação pela fé ao povo, a quem era geralmente bem-vinda. Um exame da literatura ASD publicada em 1890 a 1900 indica um grande volume material sobre justificação pela fé, inclusive os livros *O Desejado de Todas as Nações*, *Caminho a Cristo*, *O Maior Discurso de Cristo*, *Parábolas de Jesus e Patriarcas e Profetas* de Ellen G. White. Nestes livros está uma forte ênfase evangélica bem resumida como segue:

Nosso único fundamento de fé está na justiça que Cristo imputou a nós, e na obra de Seu Espírito em nós e através de nós (*CC, 63*)

A virada do século encontrou os ASD envolvidos em um grande avanço missionário além-mar que necessitava de organização. Durante as primeiras duas décadas do novo século, a ênfase sobre justificação pela fé foi menor do que tinha sido no século dezenove. Expressou-se preocupação sobre o assunto novamente na década de 1920, por líderes tais

como Meabe McGuire, Arthur Daniells, Carlyle B. Haynes, e I. H. Evans. Esta nova ênfase era uma clara reafirmação dos princípios tão fortemente enunciados em 1888 pela Sr^a. White e seus co-obreiros, e exerceu uma forte influência em todos os níveis.

O teor cristocêntrico desta pregação é ilustrado por uma declaração de W. W. Prescott em 1929: A mensagem da cruz são as boas novas, a bendita verdade de que Deus em Cristo tratou com o pecado de tal maneira que este não mais precise ser uma barreira entre nós e Deus, que o obstáculo a uma mais íntima relação com Deus foi removido e que nosso dom de vida eterna está ao nosso alcance. Um Cristo crucificado e ressurreto efetuou libertação da culpa e do poder do pecado para cada alma crente e da agonia do Getsemâni vem a alegria da salvação. Que maravilhoso Evangelho! Que compromisso Salvador! (*The Saviour of the World*, p. 48).

A doutrina da justificação pela fé é estabelecida nos quatro Evangelhos e nas Epístolas de Paulo aos Romanos e aos Gálatas. Os milagres de Jesus provêm lições objetivas de como o homem é salvo pela fé. A parábola do Filho Pródigo, por exemplo, ilustra os passos da redenção. A parábola das vestes nupciais é de igual modo eloqüente neste ponto. A ênfase de João é que a fé traz vida: “Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo tendes vida em Seu nome” (João 20:31).

Os ASD crêem que a justificação vêm mediante fé em Cristo. O conceito de que um pecador pode tornar-se justo perante Deus pela fé no sacrifício vicário de Cristo é o próprio coração do Evangelho. Deus aceita como Seus filhos, os que recebem em crêem em Cristo (João 1:12-13; 3:3, 16) “não pelas obras da justiça que tenhamos feito, mas segundo Sua misericórdia, ele nos salvou” (Tito 3:5). Justificação é somente pela fé porque não pode ser obtida pelas obras. “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus.” (Ef. 2:8-9). Nenhum homem poder ser justificado à vista de Deus pelas obras da lei, mas somente pela fé no poder de Cristo para salvá-lo do pecado e da morte (Rom. 6:23; Gal. 2:16). “O justo viverá pela fé” (Gál. 3:11). “Justificados, pois, pela fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.” (Rom. 5:1, 10). A fé em Cristo liberta o pecador da condenação e torna possível a ele permanecer justo perante Deus (cap. 7:24, 18:4).

Os ASD crêem também que uma pessoa que experimentou justificação pela fé em Cristo deve continuar a “crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (II S. Ped. 3:18). A justificação põe os pés do cristão no caminho da salvação; santificação é processo do andar pelo longo caminho rumo à perfeição de Jesus Cristo. A pessoa que experimentou a justificação pela fé em Cristo não “será conformado a este mundo,” mas “transformada pela renovação” de sua mente, ao descobrir e aplicar à sua vida, “qual seja a boa e perfeita vontade de Deus” (Rom. 12:1, 2).

Paulo falou de sua própria experiência a este respeito como um avanço “ao prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fil. 3:14). Ele mesmo um cristão renascido por muitos anos, Paulo declarou: “não que eu já o tenha recebido.” Ele estava ferventemente “prossequindo para alcançar aquilo para o que também fui conquistado por Jesus Cristo” e marchava rumo à “soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (vs. 12-14). À esta experiência, os ASD comumente se referem como santificação, que é a obra de uma vida, em contraste com a justificação, que requer só um momento. Um cristão sofre a disciplina de Deus, processo pelo qual Seus filhos e filhas crescem à maturidade em Cristo (Heb. 12:5, 6, 11). Em um momento do tempo, a fé restaura o crente pecador à paz com Deus, mas uma vida inteira é requerida para que cresça até a plena estatura de Cristo (Ef. 4:12-15, 22, 24). Ao mesmo tempo, a justificação deve ser mantida.

As convicções ASD sobre esse aspecto do Evangelho têm sido apropriadamente resumidas por Carlyle B. Haynes em um folheto intitulado *Justificação Em Cristo*:

Tornar-se cristão, então, não é a mera aceitação de um corpo de ensinamentos, nem um consentimento mental a um conjunto de doutrinas, nem a crença nas verdades da Bíblia de maneira meramente intelectual. Não é se unir à Igreja ou participar de seus ritos. É entrar em uma nova e pessoal relação com Cristo. ... Sem Ele, não haveria nenhum Evangelho. Ele veio, não tanto para proclamar a mensagem, e sim para que houvesse uma mensagem a ser proclamada. Ele Próprio era e é a Mensagem. Não Seus ensinamentos, mas Ele Próprio constituiu a Cristandade (pp. 16, 17).

Ao longo das Escrituras as descrições das experiências do crente – salvação, justificação, santificação, purificação e redenção – são focalizadas como já alcançadas, sendo realizadas presentemente e estando por ocorrer no futuro.

Uma compreensão dessas três perspectivas contribui para a solução das aparentes tensões geradas pelas ênfases relativas em justificação e santificação.

A Experiência da Salvação e o Passado

O conhecimento fático acerca de Deus e de Seu amor e benevolência é insuficiente. A tentativa de desenvolvermos o bem em nós, separados de Cristo, é contraproducente. A experiência da salvação que alcança as profundezas da alma, provém tão-somente de Deus. Falando dessa experiência, Cristo disse: “Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus... Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus” (João 3:3 e 5).

Tão-somente através de Jesus Cristo pode alguém experimentar a salvação:

Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do Céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos (Atos 4:12).

Jesus afirmou:

Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim (João 14:6).

A experiência da salvação envolve arrependimento, confissão, perdão, justificação e santificação.

Arrependimento. Pouco tempo antes de Sua crucifixão, Jesus prometeu a Seus discípulos o Espírito Santo, o qual Se revelaria ao convencer “o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (João 16:8). Quando, por ocasião do Pentecostes, o Espírito Santo convenceu as pessoas de sua necessidade em relação a um Salvador e elas perguntaram a Pedro o que deveriam fazer, a resposta do apóstolo foi:

Arrependei-vos (Atos 2:37 e 38; cf. Atos 3:19).

1. Que é o arrependimento? A palavra *arrependimento* é a tradução do termo hebraico *nacham*, “sentir-se triste”. O termo grego equivalente, *metanoeo*, significa “modificar a mente”, “sentir remorso”. Genuíno arrependimento resulta numa radical mudança de atitude em relação a Deus e ao pecado. O Espírito de Deus convence aqueles que O recebem, da seriedade do pecado, ao fazer-lhes sobrevir um senso da justiça de

Deus e de sua própria condição sem esperança. Assim eles sentem tristeza e culpa. Reconhecendo a veracidade da afirmação: “O que encobre as suas transgressões jamais prosperará, mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia” (Prov. 28:13), eles confessam pecados específicos. Através do exercício decidido de sua vontade, eles se rendem totalmente ao Salvador e renunciam a todo comportamento pecaminoso. Dessa forma, o arrependimento alcança o clímax na conversão – o volver-se do pecador em direção a Deus . O arrependimento de Davi face a seus pecados de adultério e assassinato, exemplifica vividamente como esta experiência prepara o caminho para a vitória sobre o pecado. Convencido pelo Espírito, ele deplorou e lamentou seu pecado e suplicou a purificação:

Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Compadece-Te de mim, ó Deus, segundo a Tua benignidade; e, segundo a multidão das Tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões. Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável (Sal. 51:3, 1 e 10).

A experiência subsequente de Davi demonstrou que o perdão divino não apenas apaga os pecados como também provê o poder para manter a pessoa afastada do pecado. Embora o arrependimento preceda o ato de perdão, o pecador não consegue, mediante o arrependimento, fazer-se merecedor das bênçãos de Deus. Efetivamente, o pecador não pode, de si próprio, operar o arrependimento – este é um dom de Deus (Atos 5:31). O Espírito Santo conduz o pecador a Cristo, de modo que ele possa encontrar arrependimento, ou verdadeira tristeza pelo pecado cometido.

2. Motivação para o arrependimento. Jesus afirmou: “Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim mesmo” (João 12:32). O coração é amaciado e subjugado quando percebemos que a morte de Cristo nos justifica e nos liberta da penalidade do pecado, a morte. Imagine os sentimentos de um condenado à morte que aguarda a execução quando, repentinamente, recebe a notícia de que seu crime foi perdoado!

Em Cristo o pecador arrependido é não apenas perdoado, como também absolvido – ele é declarado justo! Ele não merece e nem pode merecer tal tratamento. Conforme destaca Paulo, Cristo morreu pela nossa justificação sendo nós ainda fracos, pecaminosos, maus e inimigos de Deus (Rom. 5:6-10). Coisa alguma atinge tão profundamente a alma quanto a sensação do amor perdoador de Cristo. Quando os pecadores contemplam esse insondável amor divino, exposto na cruz, recebem a mais poderosa motivação possível para arrepender-se. Essa é a bondade de Deus que nos conduz ao arrependimento (Rom. 2:4).

Justificação. Em Seu infinito amor e misericórdia, Deus fez a Cristo “pecado por nós; para que, nEle, fôssemos feitos justiça de Deus” (II Cor. 5:21). Por intermédio da fé em Jesus, os corações são ocupados pelo Seu Espírito. Através dessa mesma fé, que é um dom da graça de Deus (Rom. 12:3; Efés. 2:8), os pecadores arrependidos são justificados (Rom. 3:28).

O termo *justificação* representa a tradução do grego *dikaioma*, que significa “exigência de justiça”, “regulação”, “sentença judicial”, “ato de justiça”, e do termo *dikaiosis*, cujo significado é “justificação”, “vindicação”, “absolvição”. O verbo correlato, *dikaioo*, que significa “ser pronunciado justo ou tratado como justo”, “ser absolvido”, “ser colocado em liberdade, feito puro”, “justificar”, “vindicar”, “fazer justiça”, provê vislumbres adicionais quanto ao significado do termo.

Em geral, a palavra *justificação*, conforme utilizada teologicamente, é “o ato divino pelo qual Deus declara justo um pecador penitente, ou o trata como justo. Justificação é o oposto de condenação (Rom. 5:16)”. A base para semelhante justificação é, não a nossa obediência, e sim a de Cristo, pois “por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida. ... Por meio da obediência de um só [Homem], muitos se tornarão justos” (Rom. 5:18 e 19). Ele concede a Sua obediência àqueles crentes que são “justificados gratuitamente, por Sua graça” (Rom. 3:24). “Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo Sua misericórdia, Ele nos salvou” (Tito 3:5).

1. O papel da fé e das obras. Muitos acreditam erradamente que a sua posição diante de Deus depende de suas boas ou más obras. Abordando a questão de como as pessoas são justificadas diante de Deus, Paulo declara inequivocamente que ele perdera “todas as coisas... para ganhar a Cristo e ser achado nEle, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé” (Filip. 3:8 e 9). Ele apontou o exemplo de Abraão, que “creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça” (Rom. 4:3; cf. Gên. 15:6). Ele foi justificado antes de submeter-se à circuncisão, e não em virtude da mesma (Rom. 4:9 e 10).

Que espécie de fé possuía Abraão? As Escrituras revelam que “pela fé, Abraão... obedeceu” quando Deus o chamou, deixando sua terra natal e viajando “sem saber aonde ia” (Heb. 11:8-10; cf. Gên. 12:4; 13:18). O fato de que ele possuía uma fé genuína e viva em Deus, foi demonstrado através de sua obediência. Foi com base nessa fé dinâmica que ele recebeu a justificação.

O apóstolo Tiago adverte contra uma compreensão incorreta da justificação pela fé: imaginar que alguém possa ser justificado pela fé sem manifestar as obras correspondentes. Ele demonstrou que a fé genuína não pode existir sem as obras. Tal como Paulo, Tiago ilustrou esse ponto a partir da experiência de Abraão. O fato de o patriarca oferecer seu filho (Tiago. 2:21) foi uma demonstração de sua fé. “Vês como a fé operava juntamente com as suas obras”, afirma Tiago; “com efeito foi pelas obras que a fé se consumou” (Tiago. 2:22). “A fé, se não tiver obras, por si só está morta” (Tiago. 2:17).

A experiência de Abraão revelou que as obras constituem evidência de um genuíno relacionamento com Deus. A fé que conduz à justificação é, pois, uma fé viva, que opera (Tiago. 2:24). Paulo e Tiago estão de acordo no tocante à justificação pela fé. Enquanto Paulo destaca a falácia de se buscar a justificação através das obras, Tiago salienta com o perigo correspondente de se pretender a justificação sem as obras correspondentes. Nem as obras e nem a fé morta podem conduzir à justificação. Ela pode ser obtida unicamente através de genuína fé, aquela que opera por amor (Gál. 5:6) e purifica a alma.

2. A experiência da justificação. Através da justificação pela fé em Cristo, Sua justiça nos é imputada. Tudo está em ordem conosco diante de Deus porque Cristo Se tornou o nosso substituto. Segundo o dizer de Paulo, Deus fez pecado por nós “Aquele que não conheceu pecado... para que, nEle, fôssemos feitos justiça de Deus” (II Cor. 5:21). Na qualidade de pecadores arrependidos, experimentamos pleno e completo perdão. Estamos reconciliados com Deus! A visão obtida por Zacarias quanto ao sumo sacerdote Josué, ilustra de modo muito belo a justificação. Josué achava-se em pé diante do anjo do Senhor, vestido com roupas sujas, as quais representavam a contaminação do pecado. Estando ele ali, de pé, Satanás reclamou a sua condenação. As acusações de Satanás estavam corretas – Josué não merecia absolvição. Mas Deus, manifestando Sua divina misericórdia, repreendeu a Satanás: “Não é este um tição tirado do fogo?” (Zac. 3:2). Não é esta a Minha aquisição preciosa que estou preservando de maneira especial?

O Senhor ordenou que aquelas vestimentas sujas fossem imediatamente removidas e declarou: “Eis que tenho feito que passe de ti a tua iniquidade e te vestirei de finos trajes” (Zac. 3:4). Nosso amável e todo-misericordioso Salvador afasta as acusações de Satanás, justifica o trememente pecador e cobre-o com as vestes da justiça de Cristo. Assim como as roupas sujas de Josué representavam o pecado, assim as novas roupagens representam a nova experiência do crente em Cristo. No processo de justificação, os pecados confessados e perdoados são transferidos para o puro e santo Filho de Deus, o Cordeiro que carrega sobre Si os nossos pecados. “Contudo, o imerecedor mas arrependido crente é vestido com a justiça imputada de Cristo. Essa troca de vestes, esta transação divina e salvadora, constitui a doutrina bíblica da justificação pela fé.” O crente justificado experimentou o perdão e foi purificado de seus pecados.

Os Resultados. Quais são os resultados do arrependimento e da justificação?

1. Santificação. A palavra “santificação” é tradução dos termos *hagiasmos* (cujo significado é “santidade”, “consagração” e “santificação”) e do verbo *hagiazō* (“tornar santo”, “consagrar”, “santificar”, “colocar à parte”). O termo hebraico equivalente é *qadash*, “separar para uso especial”.

Verdadeiro arrependimento e justificação levam à santificação. Justificação e santificação acham-se intimamente relacionadas, distintas mas jamais separadas. Elas designam duas fases da salvação: justificação é aquilo que Deus faz por nós, enquanto santificação é aquilo que Deus faz em nós. Nem a justificação, nem a santificação resultam de obras meritórias. Ambas são devidas unicamente à graça e à justiça de Cristo. “É imputada a justiça pela qual somos justificados; aquela pela qual somos santificados, é comunicada. A primeira é nosso título para o Céu; a segunda, nossa adaptação para ele”.

Justificação Diária. Todos os crentes que desenvolvem a vida santificada, cheia do Espírito (dominada por Cristo), possuem contínua necessidade de justificação diária (sustentada por Cristo). Necessitamos dessa providência em virtude de transgressões conscientes e em virtude de erros que cometemos involuntariamente. Compreendendo a pecaminosidade do coração humano, Davi suplicou pelo perdão de suas “faltas ocultas” (Sal. 19:12; cf. Jer. 17:9). Falando especificamente dos pecados dos crentes, Deus nos assegura que “se... alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo” (I João 2:1).

CAPÍTULO V

MANTER A CONFIANÇA NA IGREJA

A quinta lição nos mostra a necessidade de mantermos a confiança na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Esta é a organização eclesiástica a qual se refere Apocalipse 12:17. Não há nenhuma outra. Embora Ellen White tenha revelado dúvida quanto a isto em Minneapolis, ela não conservou aquelas dúvidas por muito tempo. Antes que deixasse aquela cidade, ela escreveu à sua nora: "Tremo ao pensar o que seria sido dessa reunião se não tivéssemos estado ali. Deus operaria de alguma forma para impedir este espírito trazido a reunião, que teve um poder controlador. Mas não estamos nem um pouco desanimados. Confiamos no Senhor Deus de Israel. A verdade triunfara e pretendemos triunfar junto com ela."

Pelo resto de sua vida, Ellen continuou a dar esta mesma nota de confiança no movimento do advento. Nos anos 90, o "régio poder" na administração da Associação Geral arrancou dela as incisivas palavras: "A voz de Battle Creek já não é a voz de Deus, a igreja está em estado laodiceano. A presença de Deus não está no meio dela". Foi, porém, capaz de dizer ao mesmo tempo: "Deus está na frente da obra e porá tudo em ordem. Se alguma coisa necessitar ser acertada, na direção da obra Deus atentará para isto e operará no sentido de corrigir o que estiver errado. Tenhamos fé em que Deus está dirigindo a nobre embarcação que levará a salvo no porto o seu povo."

Os baluartes de Satanás jamais triunfarão. A vitória está do lado da mensagem do terceiro anjo. Como o capitão das hostes do Senhor fez cair os muros de Jericó, assim triunfará o povo que guarda os mandamentos do Senhor, e todos os elementos de oposição serão derrotados.

"Sinto-me encorajada e abençoada quando penso que o Deus de Israel ainda está guiando o Seu povo, e que continuará a estar com ele até ao fim".

CONCLUSÃO

A igreja precisa hoje, mais do que nunca, da “preciosíssima mensagem” enaltecida em Minneapolis mais de um século atrás. Este trabalho realçou a importância atual desta mensagem, tanto para a igreja, como para a nossa vida pessoal. O cerne da mensagem de 1888, conforme Ellen White a compreendia, foi a exaltação de Jesus e a plena salvação nEle. Por isso, seu ministério literário passou por uma inteira transformação à medida que ela compreendia a grande necessidade, tanto para os indivíduos como para a igreja, de fazer de Jesus e de Sua justiça salvadora o centro de suas crenças e vida. Resultados disso foram os livros *O Desejado de Todas as Nações* e *Caminho a Cristo*.

“O grande centro de atração, Cristo Jesus”, escreveu ela em 1894, “não deve ser deixado à parte da terceira mensagem angélica. Para muitos que se tem empenhado na obra para este tempo, Cristo se tornou secundário, enquanto teorias e argumentos e teorias ocuparam o primeiro lugar.” Em outra ocasião, ela escreveu que “nossas igrejas estão perecendo por falta de ensino sobre o assunto da justificação pela fé em Cristo e verdades semelhantes”.

Doutrinas podem ser boas e verdadeiras, mas ficam sem sentido fora de um relacionamento salvador com Jesus. A igreja e seus membros devem manter constantemente diante de si o fato de que a verdade doutrinária – verdade com “v” minúsculo – só é Verdade cristã quando emoldurada na pessoa de Jesus, de Seu sacrifício e ministério. Ele é “o caminho, a verdade e a vida”. Ninguém “vem ao Pai”, a não ser por Ele (João 14:6). Ele é a Verdade com “v” maiúsculo. Todas as outras verdades só são verdades quando estão ligadas a Ele. Jesus é a grande necessidade da igreja hoje, exatamente como era em 1888. Conforme Ellen White o expressou tão bem: “Cristo crucificado” deve ser o centro de nossa mensagem. “failemos, oremos e cantemos a este respeito e isto quebrantará e conquistará os corações. Frases cunhadas, formais, a apresentação de assuntos meramente argumentativos, não trazem benefício. O amor enternecedor de Deus no coração dos obreiros será reconhecido por aqueles em cujo benefício, eles trabalham. As almas estão sedentas da água da vida. Não seiais cisternas vazias. Caso lhes reveleis o amor de Cristo, podereis levar os sedentos e famintos a Jesus, e Ele lhes dará o pão da vida e as águas da salvação”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

White, Ellen G. *Testemunhos para Ministro*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira

Ellen White. *Carta 59*, 1890.

Carta 70 A, 1888.

Carta 4, 1896.

Manuscrito 156, 1898.

Review and Herald, 20 de setembro de 1892

Revista Ministério maio/junho 1988

Knight, George. *A mensagem de 1888*. São Paulo: Casa, 2003